



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS XIII – ITABERABA-BA**  
**CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**PRISCILA CRISTINA MELO SANTOS**

**AS VIVÊNCIAS DO DOCENTE DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: um  
estudo sobre escolas públicas no município de Itaberaba – Ba no pós  
pandemia.**

**Itaberaba, BA**

**2023**

**PRISCILA CRISTINA MELO SANTOS**

**AS VIVÊNCIAS DO DOCENTE DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: um  
estudo sobre escolas públicas no município de Itaberaba – Ba no pós  
pandemia.**

Artigo apresentado ao Curso de História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XIII, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Dr. Josivaldo Pires de Oliveira.

**ITABERABA - BA**

**2023**

**PRISCILA CRISTINA MELO SANTOS**

Artigo apresentado ao Curso de História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XIII, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Dr. Josivaldo Pires de Oliveira.

Aprovada em / /2023. Itaberaba-Ba.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Josivaldo Pires de Oliveira

---

Prof. Dra. Jacimara Vieira dos Santos

---

Prof. Dr. Vinicius Santos da Silva

## **AGRADECIMENTOS**

A elaboração dos agradecimentos é uma tarefa que deixa o formando um tanto desconfortável, já que tem o risco do esquecimento, que pode criar melindres ou sentimento de culpa, ao mesmo tempo o faz lembrar de experiências extraordinárias escondidas na memória.

Seguindo a liturgia do momento, iniciarei reverenciando o sagrado: agradeço a Deus por sua companhia durante toda a jornada acadêmica. Tenho de reverenciar a minha família, desta forma, agradeço aos meus pais pelo apoio e paciência, não posso deixar de agradecer aos meus professores que sempre estiveram presentes nos ensinamentos, aos colegas amigos e funcionários da UNEB pelo apoio e amizade. Todos e todas de alguma maneira iluminaram a minha vida acadêmica e com certeza, continuarão a me proteger nesta luta desigual e interminável contra a ignorância

**RESUMO:**

O presente artigo reflete sobre as observações dos professores de História do 6º Ano do Ensino Fundamental II, em três escolas da rede pública do município de Itaberaba Ba, sobre suas vivências em sala de aula nos períodos de pandemia e pós pandemia. Para a construção deste artigo foi utilizada a metodologia de pesquisa de campo qualitativa, através da oralidade, com entrevistas semiestruturadas que destinou atenções sobre os relatos a respeito da importância do ensino de História na educação escolar. Como resultado foi identificado as dificuldades encontradas na regência das aulas remotas, as políticas públicas aplicadas para mitigar as adversidades momentâneas e as observações dos professores sobre a conduta do principal sujeito, que é o estudante pré-adolescente no retorno a dita normalidade.

**Palavras-Chave:** Pós pandemia, Educação, Sala de aula

**Abstract**

This article reflects on the observations of History teachers in the 6th year of Elementary School II, in three public schools in the municipality of Itaberaba Ba, about their experiences in the classroom during the pandemic and post-pandemic periods. For the construction of this article, qualitative field research methodology was used, through orality, with semi-structured interviews that focused attention on reports regarding the importance of teaching History in school education. As a result, the difficulties encountered in conducting remote classes were identified, the public policies applied to mitigate momentary adversities and the teachers' observations on the conduct of the main subject, which is the pre-adolescent student, returning to so-called normality.

**Keywords:** Student, Post pandemic, Teacher

---

<sup>1</sup> Graduanda em História, UNEB–Universidade do Estado da Bahia - CAMPUS XIII

## **Introdução**

Este artigo tem o objetivo refletir sobre as observações de professores do componente curricular de História, sobre os estudantes que frequentaram três escolas públicas do sistema de ensino, no município de Itaberaba - BA, matriculados no 6º Ano do Ensino Fundamental II, nos anos de 2021 e 2022.

O referido período compreende a ocasião em que ocorreram as aulas online, devido à pandemia do Covid-19, sendo o último ano o momento do retorno pleno das aulas presenciais. A reflexão é: o conhecimento foi construído ou minimamente repassado para os alunos?

A lei Municipal nº 880 de 17 de dezembro de 1999 dispõe sobre a criação do Sistema Municipal de Ensino de Itaberaba, o referido sistema é constituído: das escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental mantidas pela Prefeitura Municipal, bem como, das instituições de Educação Infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada e de todos os órgãos municipais de educação. Sendo o papel do Sistema Municipal de Ensino: Organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e do Estado da Bahia. Atualmente o Município de Itaberaba conta com 8 escolas públicas em sua sede atuando no ensino Fundamental Anos Finais, 4 escolas particulares no mesmo seguimento, já na zona Rural encontram-se 04 públicas que atendem aos estudantes dos anos Finais do Fundamental.

O recorte geográfico deste artigo abrange 03 escolas localizadas em regiões periféricas da zona urbana da Sede do Município, atendendo os sujeitos das classes sociais mais carentes muitos deles em situação de risco social. A motivação para investigar os estudantes matriculados no 6º Ano do Ensino Fundamental do Sistema de Ensino de Itaberaba, vem da inquietação de entender como estudantes que frequentaram as aulas remotas e construíram os seus saberes. Entender como aluno(a)s imaturos, convivendo com a fragilidade social e desestruturados em termos de tecnologia digital, conseguiram assimilar saberes nesse período de pandemia.

O artigo é resultado destas inquietações e vem trazendo relatos sobre vivências dos profissionais da educação em sala de aula. Para elaboração deste artigo foi

utilizada a metodologia de pesquisa de campo qualitativa, com entrevistas semiestruturadas, também constando uma narrativa sobre a importância do ensino de História na educação escolar, um breve relato sobre a História Oral e a definição da pandemia do Covid 19 e suas consequências sociais. Dentre os diversos temas, temos uma discussão sobre as dificuldades encontradas na regência das aulas remotas, as políticas públicas aplicadas para mitigar as adversidades deparadas e as observações dos professores sobre a conduta do principal sujeito que é o estudante do 6º Ano do Ensino Fundamental, este sendo o tema central do artigo, vale ressaltar que o ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) que define como criança, toda pessoa de até 12 anos de idade incompletos, idade que o sujeito em questão, segundo a LDB, inicia seu percurso nos anos finais da Ensino Fundamental.

Aqui são revelados aspectos que traduzem as dificuldades do docente para a transposição do saber, bem como, algumas fragilidades do sistema educacional e o despreparo ou desestrutura das famílias para promover um ambiente de estudo, adequado, para o aluno. Durante as entrevistas, o(a)s professore(a)s puderam relatar suas angústias e as precariedades do sistema, uma vez lhes foi garantido o anonimato não só destes protagonistas sociais, mas também das unidades educacionais pesquisadas.

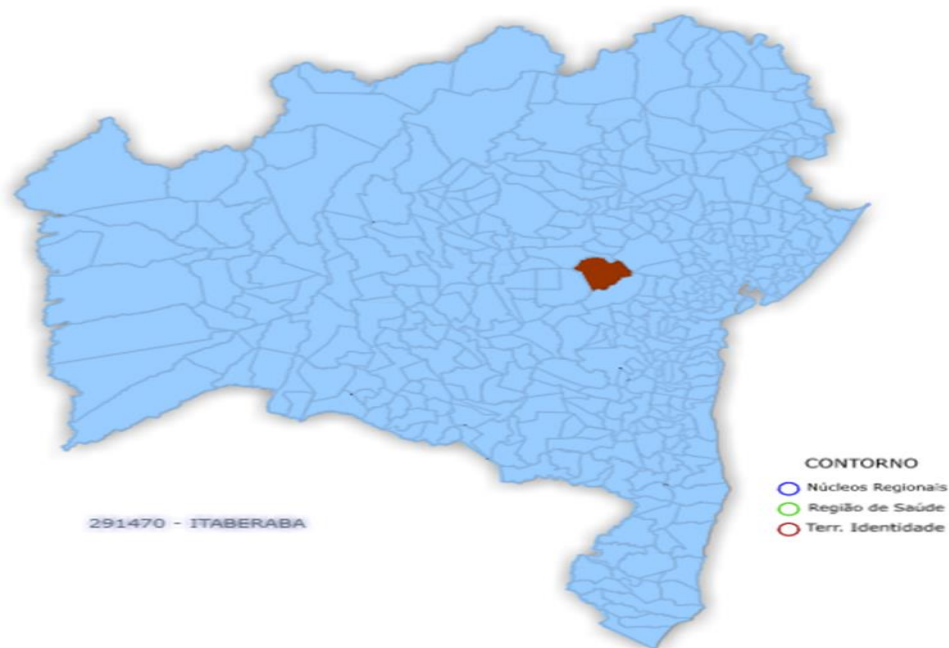
## Itaberaba: da pedra que brilha pulsa a história.

Itaberaba está localizada no estado da Bahia no Território de identidade do Piemonte do Paraguaçu, fica a uma distância de 275 Km da capital. A cidade é conhecida como o Portal da Chapada Diamantina, o clima é o semiárido com temperaturas elevadas e precipitações escassas e irregulares, seu bioma é a caatinga, sua população segundo o senso do IBGE de 2022 é de 65.073 pessoas.

A emancipação ocorreu em 26/03/1877 pela resolução Provincial nº 1.715, o seu nome em tupi-guarani significa “Pedra-Reluzente” a região era habitada pelos indígenas Maracas, da raça do Tapuias, do grupo linguístico Quiriris ou Jês. O Historiador Souza Júnior faz um relato sobre a origem de Itaberaba com podemos contatar no fragmento de texto a baixo:

Em 1806 foi vendida uma fazenda denominada São Simão, pelo proprietário capitão Manoel Rodrigues Cajado. Segundo Pedreira, a fazenda foi vendida a Pedro Dias de Carvalho, o qual alienou, em 1809, a Antônio Figueiredo Mascarenhas, que edificou, na parte central da propriedade, uma Casa de Oração consagrada a Nossa Senhora do Rosário.135 Doravante, começa em torno da capela a formar um núcleo populacional, a estimativa é que no início se resumia a menos de dez casas com uma população estimada entre trinta e cinquenta habitantes. (Souza, 2015, p. 56).

:



Fonte: [http://www1.saude.ba.gov.br/mapa\\_bahia/municipioch.asp?CIDADE=291470](http://www1.saude.ba.gov.br/mapa_bahia/municipioch.asp?CIDADE=291470)

A extensão Territorial do município é de 2.366,1 km<sup>2</sup> a uma altitude média: 266 m acima do nível do mar. Suas Coordenadas Geográficas: Latitude: 12° 32' 04" S Longitude: 40° 18' 21" W. Hoje Itaberaba é considerada como um polo regional da saúde, educação e comércio. Desenvolvendo também o turismo religioso centrado na figura de Maria Milza, que segundo a crença popular tinha contato visual com a Virgem Maria. Como principais manifestações culturais aparecem: a Festa do Vaqueiro declarada como patrimônio imaterial, histórico e cultural do município, a lavagem da igreja do bom Jesus que fica no monte do mesmo nome, recentemente as comemorações do São João também entraram no calendário festivo da cidade.

Possui acesso direto à rodovia BA-052 (Estrada do Feijão), através da BA-233, e acesso direto, também, à BR-116 (principal rodovia brasileira. Sendo, ainda, a maior rodovia totalmente pavimentada do país), através da BR-242 e da BA-046, na altura do município de Milagres. Na zona rural a destaca-se como principais atividades a pecuária e a cultura do abacaxi, na sede encontra-se uma fábrica de moveis e outra de calçados.

## **Metodologia na construção histórica: história oral, pandemia e ensino de história**

A história oral é uma abordagem de pesquisa que se baseia em entrevistas e relatos pessoais para coletar informações sobre eventos históricos, culturais e sociais. Essa metodologia permite aos pesquisadores capturar diferentes perspectivas e experiências, muitas vezes negligenciadas em fontes escritas tradicionais. A história oral também valoriza a voz das pessoas comuns, permitindo que suas histórias sejam contadas e preservadas para as gerações futuras.

A prática da história oral começou a ganhar destaque no século XX, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, quando historiadores e antropólogos perceberam a importância de documentar as experiências das pessoas que viveram tempos de conflito e mudança. Desde então, a história oral tem sido aplicada em diversos contextos, incluindo a preservação das tradições culturais, a documentação de movimentos sociais e a compreensão de mudanças nas comunidades ao longo do tempo, o último evento histórico de destaque em que as narrativas orais se fizeram presente de forma eminente foi a pandemia do COVID-19 que teve início em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China.

O vírus se espalhou rapidamente pelo mundo, levando a medidas de isolamento social, fechamento de fronteiras, restrições de viagem e impactando fortemente a economia global. Milhões de pessoas foram infectadas e milhares perderam a vida. A pandemia trouxe desafios significativos para os sistemas de saúde, economias, educação e comunidades em todo o mundo. Apesar da existência de vasta literatura sobre a definição de pandemia, a última que assolou a humanidade, era uma doença desconhecida o que levou aos pesquisadores da história imediata fazer uso da oralidade para historicizar o referido evento.

Ao documentar as histórias e testemunhos orais relacionados à Covid-19, estamos preservando um registro valioso das experiências individuais e coletivas durante esse período histórico. Além disso, a utilização desses relatos como recursos pedagógicos no ensino de história pode ajudar os estudantes a compreender e refletir sobre os impactos da pandemia na sociedade, enfatizando a importância do contexto

histórico para a formação crítica dos alunos. Dessa forma, integrar a história oral, a pandemia e o ensino de história permite aos estudantes desenvolverem uma consciência histórica e compreenderem melhor o presente, ao mesmo tempo em que valoriza as vozes e experiências das pessoas afetadas pela pandemia.

O ensino de história no 6º ano do ensino fundamental busca proporcionar aos alunos uma compreensão básica dos eventos históricos, das sociedades antigas e de como o passado influencia o presente. Os alunos começam a desenvolver habilidades de pesquisa, análise e interpretação de fontes históricas, além de adquirir noções sobre a cronologia e a periodização da história. Ao mesmo tempo, são introduzidos a conceitos como cultura, civilizações, mudanças e permanências de hábitos. O foco está em promover uma base sólida para a compreensão da história e estimular o interesse dos alunos pela disciplina. A conexão entre a história oral, a pandemia e o ensino da história pode ser encontrada na importância de preservar e compartilhar as experiências e memórias da pandemia por meio da história oral.

## **As vozes do(a)s professore(a)s na busca por um ensino de História crítica**

Para tomar conhecimento das vivências do(a)s professore(a)s no primeiro momento pós pandemia do Covid-19, no ensino de História no 6º ano do fundamental II na Rede Pública de Ensino do Município de Itaberaba Bahia, foi preciso analisar o relato de três docentes atuantes na rede supra citada, nos períodos que antecederam a pandemia com aulas presenciais (ano 2019), no período pandêmico com aulas remotas ou à distância (anos 2020/2021), e com aulas híbridas e presenciais no último trimestre de 2021, e no período pós-pandemia, com aulas exclusivamente presenciais (2022). Por questões éticas e pactos com o(a)s entrevistado(a)s, para não o(a)s identificar, mantendo o anonimato deste(a)s. Nomearei o(a)s mesmo(a)s de **A, B e C**.

A primeira docente de História entrevistada foi “A”, que atua como professora há quatro anos na rede municipal, e foi estudante de graduação de Licenciatura em História na UNEB, Campus XIII e segundo ela não é natural de Itaberaba, e fez sua opção por cursar História por ser apaixonada pela disciplina. A maioria dos sujeitos ou protagonistas de suas aulas, são moradores (a) s do bairro periférico conhecido como “Campo do Governo” que se localiza nas proximidades da feira livre, com residências simplórias e que até pouco tempo não contava com pavimentação nem possuía sistema de esgotamento sanitários, surgiu de invasões de terrenos pertencente ao governo federal, sendo que alguns dos estudantes que frequentam a escola em questão, estão sob o chamado risco social.

A docente “B” também atua na referida rede de ensino há quatro anos, tendo concluído o curso de Licenciatura em História em 2012, na mesma Universidade que a primeira entrevistada. Relata que atuou em mais de duas escolas e que ministrava aulas a estudantes residentes no loteamento Brisa da Chapada, localizado ao sul da sede do município próximo à rodovia que liga Itaberaba a cidade vizinha de laçu, é um conjunto residencial que foi construído por programas sociais do governo é conhecido por ser extremadamente violento e com alto índice de criminalidade, sendo que seus moradores apresentam perfil de fragilidade e exclusão social.

“C” ministra aulas na rede pública há seis anos e afirmou ser mestre em História e graduada pela UNEB, mas preferiu não deixar claro o campus que frequentou, vem

trabalhando também com sujeitos periféricos, afirmando que teve uma atuação breve na escola conhecida por “João Almeida”, que fica no loteamento conhecido popularmente como R M, este construído pela iniciativa privada, mas financiado pelo Governo Federal, também no entorno da rodovia que leva a laço, traz as mesmas características de fragilidade social dos demais bairros.

Com a finalidade de certificar se o(a)s docentes têm experiência de trabalho nos períodos pesquisado (a)s, inquiri se a(o)s depoentes trabalharam como regentes de sala de aula entre os anos 2019 e 2022. As três personagens responderam de forma afirmativa. Isso permitiu que eu continuasse com as entrevistas, pois contempla o período correspondente ao recorte temporal estabelecido no artigo.

É previsível que o(a) estudante que se matricule em uma escola do Fundamental Anos Finais esteja apto a receber os ensinamentos referente ao ano em que está se matriculando, desta forma é mister saber dos entrevistado(a)s, o que difere o(a)s estudantes do 6º Ano do ano letivo de 2022 do(a)s estudantes dos anos anteriores, ou seja, o(a) estudante que retornou as aulas presenciais no período pós pandemia. “A” respondeu da seguinte forma:

“Eu, enquanto docente do Fundamental II, pude observar, por parte dos estudantes matriculados no 6º Ano, um comportamento pouco sociável na relação com os colegas de sala, um desinteresse muito grande em aprender. Jovens pré-adolescentes sofrendo com ansiedade, desrespeitando a presença do professor em sala de aula, dificuldade em escrever e desconhecimento na leitura muito próximo do analfabetismo. Houveram momentos que cheguei a definir o comportamento destes estudantes como auto exclusão.”

“B” relatou que: “Os estudantes de anos anteriores tinham dificuldades de aprendizagem, mas não tão severas quanto as turmas pós pandemia”. “C” respondeu da seguinte forma:

“Estudantes do 6º ano antes da pandemia cursaram os anos anteriores normalmente, no sentido de que não foram impactados por interrupções relevantes. Estudantes do 6º ano em 2021 tiveram que arcar com a experiência de ver frustrado o seu percurso pedagógico e social já em 2020, bem como com a carga dramática imposta pela pandemia sobre crianças já muitas vezes atingidas por outros sofrimentos psíquicos.”

As respostas reconhecem a dificuldade no aprendizado do(a) estudante do 6º Ano, nas quais “B” e “C” fazem uma comparação com aluno(a)s de outros períodos letivos. De toda sorte, fica evidente que o(a)s aluno(a)s do ano letivo de 2022 não estavam preparado(a)s, nem didática nem socialmente, para cursarem o 6º ano, uma vez que não tinham obtido as habilidades necessárias para tal e nem maturidade social para a conclusão dos anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A pandemia além, dos medos trouxe o isolamento social e uma mudança brusca na realidade do(a)s estudantes, uma nova forma de relacionamento interpessoal e um afastamento das escolas assim sendo foi questionado aos professores, sobre esta nova realidade, o professor “A” buscou esquivar-se de uma resposta com base científica, ficando no lugar de observador:

Não sou psicólogo, porém imagino que a pandemia do Covid-19 provocou o isolamento social. Estes estudantes estavam apartados do convívio com pessoas fora do círculo familiar, assustados, amedrontados, inseguros e com medo de perder seus entes queridos e também a sua própria vida. Vale salientar que estes jovens pararam de frequentar a escola no 3º Ano do Ensino Fundamental I, sendo aprovados automaticamente no 4º e 5º ano sequencialmente. Pertencentes a famílias sem acesso a tecnologias, como estes jovens poderiam consolidar as habilidades de leitura e escrita inseridas na BNCC? Não poderiam. Por isso sua dificuldade na leitura e na escrita.

“B” respondeu: “À pandemia de COVID-19 e também à falta de acesso à internet e aparelho celular das classes populares mais carentes”. “C” vem corroborar com os demais entrevistados, acrescentando:

“De fato, como comentei, indisciplina e violência caracterizaram o comportamento de muitos estudantes do 6º ano - e não apenas dele - no retorno às aulas presenciais. E também o ensinamento, não raro a apatia. Penso que a severa experiência da pandemia terá sido o motivo maior para isso. Costuma-se considerar que as famílias sejam capazes de fazer frente aos dilemas que atingem seus filhos. Mas isso não é verdadeiro quanto aos problemas que comumente atingem crianças e adolescentes; ainda menos é isso, quando o problema é assim tão extraordinário como o caso de uma pandemia. Teriam sido necessárias políticas públicas de grande relevo, para o enfrentamento do problema. E estas não se fazem de improviso”.

O(a)s três docentes reconhecem a falta de equipamentos, apoio tecnológico e apoio psicopedagógico, para que o(a)s estudantes pudessem assimilar os ensinamentos destinados à sua evolução educacional. É notório que em uma situação de pandemia ou em qualquer outra que se faz necessário o ensino a distância, deve-

se possuir o mínimo de um preparo tecnológico para o acontecimento das aulas. Buscando entender se havia estrutura escolar preparada para as aulas online, questionei: As escolas estavam prontas para atender estes sujeitos durante o pós pandemia? “A” foi bastante enfático em sua resposta:

“Na minha opinião, nem as escolas nem as famílias, a sociedade de forma geral não teve preparação para enfrentar os percalços deste período, principalmente no que se refere à educação online, ou seja, uma educação utilizando as tecnologias da informática. No período pós-pandêmico também não houve preparação, todavia, não havia psicólogos nem psicopedagogos para acolher os alunos e nem os profissionais da educação em seu retorno às escolas.”

Em sua resposta, “B” disse: “Não estavam, mas tentaram se adaptar da forma possível”. “C” comenta que:

“A escola, assim como toda a sociedade, não estava preparada. O mesmo se deve dizer das famílias, dos estudantes e dos professores. Assim como a pandemia tornou evidente a importância do SUS - e de um SUS a ser fortalecido - ela também tornou evidente a importância do fortalecimento da educação pública. Espero que tenhamos aprendido muito com essa terrível lição”.

Aqui neste ponto, notamos uma discordância entre o(a)s docentes, “B” e os outros dois protagonistas. “B” alega que houve por parte das escolas uma tentativa de adaptação. Os demais são céticos e admitem a completa falta de estrutura para o enfrentamento do problema.

Em uma situação como esta de pandemia, é indispensável o apoio da administração pública para o enfrentamento dos problemas que sugerem no novo cotidiano das escolas. Com o intuito de verificar a visão do(a) professor(a) em relação à posição dos governantes e se suas ações provocaram uma intervenção positiva na educação no período em questão, a pergunta foi a seguinte: Não houveram políticas públicas que mitigassem a situação de despreparo social para o enfrentamento da ausência do(a) estudante na escola? “A” afirmou:

“Os professores não sabiam como trabalhar com as tecnologias, não tinham equipamentos adequados para ministrar as aulas remotas. As famílias não foram contempladas com equipamentos e nem com a internet banda larga. Logo, se houve alguma política pública, não chegou a nenhuma das partes envolvidas”.

“B” disse que: “Sim, houveram tentativas de suporte tecnológico por parte do poder público, mas era muito burocrático esse processo, além de falta de habilidade dos educandos e dos responsáveis para acessar esses recursos”. A resposta de “C” foi mais extensiva:

“Nem na escola, nem onde quer que seja. Reitero a importância de aprendermos com a experiência vivida, experiência de que somos sobreviventes. Sabemos que o governo federal se colocou na contramão das medidas necessárias, buscando impor o que podemos chamar de ‘necropolíticas públicas’, fundadas no negacionismo, do estímulo a aglomerações ao uso de cloroquina, de vermífugos, ao não uso de máscara, etc. Foi um caos. Ou um inferno. Precisamos nos preparar para não conceber uma pandemia como uma situação normal, mas como situação de emergência sanitária grave. E precisamos dispor de protocolos e de infraestrutura para enfrentar tais situações. Outras pandemias virão. Dentre os papéis da educação, é preciso destacarmos este que é o de mitigar as chances dessa estupidez chamada negacionismo científico”.

Percebemos, que as dificuldades enfrentadas pelo(a)s professore(a)s, aluno(a)s e seus familiares não foram assistidas, ou seja, na realidade não houveram recursos para enfrentar de forma positiva a carência tecnológica, resultando na falta de transposição de saberes que os estudantes precisavam para estarem aptos a continuar seus estudos regulares.

Buscando entender o tamanho do despreparo do(a)s professores para lidar com a realidade adversa, provocamos: Quais os maiores desafios do(a) professor(a) na pandemia e no pós pandemia? “A” buscou ser claro, o que o deixou repetitivo:

“Durante a pandemia podemos destacar dois problemas graves para o professor conseguir a transposição ou a construção do conhecimento para o aluno: O primeiro, sem dúvidas, seria a falta de preparo para usar as tecnologias da informação, por exemplo acessar as salas de aula virtuais. E a preparação destas aulas, que deveria ser bem mais atraente que as aulas presenciais, uma vez que estava concorrendo com outros atrativos e o estudante estava longe de seu espaço físico. O segundo foi a falta de equipamentos com tecnologia suficiente para elaboração de suas aulas e para transmiti-las”.

“B” afirmou que: “Falta de suporte tecnológico, gastos extras em compras para melhoria em notebook e todo o aparelhamento necessário. Falta de acompanhamento psicológico e social para compreender as necessidades que a pandemia exigia. Esgotamento físico e mental devido ao excesso de telas. Além de perda de privacidade, pois vários espaços da casa eram filmados”.

Com uma visão mais ampla, “C” fez a seguinte reflexão: “Penso que justamente na luta contra o negacionismo consiste um dos mais importantes papéis da classe docente, em todos os níveis. E também o de fomentar uma cultura da solidariedade. Ainda hoje, aqui e ali, ouvimos alguém dizer ou lemos um cartaz que diz "todo trabalho que serve para levar o pão para dentro de casa é uma atividade essencial", coisas do tipo, ainda ouvimos. Mas antes da atividade de trabalho, braçal ou intelectual, vem a força de trabalho. Antes da força de trabalho vem a força vital, que depende da saúde. E a saúde só existe para quem está vivo, de maneira que a vida é o que há de essencial. E não a submissão da força de trabalho, individual e coletiva, ao objetivo de manter ou ampliar os lucros do empregador. Aí vimos uma das maiores falácias do desgoverno genocida. A sociedade precisa estar preparada para fazer frente à uma tão medonha inversão de valores, em que o lucro de uns se sobrepõe às vidas de muitos. A classe docente tem, também aí, um importante papel”.

Os dois docentes “A” e “B” se mantiveram no despreparo tecnológico por parte dos profissionais da educação e à falta de equipamentos, ou seja, se mantiveram dentro da carência das suas escolas, já “C” ampliou os seus comentários partindo para o despreparo de toda a sociedade e as questões políticas que o país atravessava a época.

A intenção de toda escola é repassar sabres para seus estudantes independente de qualquer fato que possa atrapalhar o desenrolar de suas atividades. O nosso sistema de ensino cobra resultados das escolas, a sociedade na figura do pais quer saber o que o foi aprendido pelos filhos, todos querem que algum progresso seja registrado na educação dos discentes. Com a finalidade de saber se o ano letivo de 2022 houve fixação de conhecimentos ou de alguma habilidade específica foi feita a seguinte indagação aos professores: Em se tratando de aprendizagem por parte do estudante, podemos assegurar que este protagonista conseguiu garantir a aprendizagem ou a construção de conhecimentos?

“A” fez a seguinte devolutiva:

“ Um período longo de isolamento social afetou de forma negativa a habilidade da convivência dos estudantes, seja ela, entres os pares ou mesmo com pessoas de faixa etária diferenciada, entendo que houve um “apagão” das normas de convivência, criando dificuldades na interação entre alunos e também com professores, algo que demandou um período de adaptação para ser reestabelecido, logicamente a aprendizagem de qualquer conteúdo fica prejudicada, sendo claro, não se deixou de construir algum conhecimento porém, de forma modesta sem grandes profundidades e de forma pouco concreta.”

“B” nos respondeu da seguinte maneira:

“ Ao discutir a recomposição de aprendizagem no contexto da pandemia, é essencial considerar o impacto significativo desse evento sobre alunos do sexto ano. As turmas que começaram durante a pandemia enfrentaram desafios únicos, inseridos em uma sindemia, em que múltiplos fatores exacerbaram as dificuldades e os temores impostos pelo vírus. No caso específico da disciplina de História, os alunos do sexto ano tiveram seu primeiro contato com o componente curricular em um momento atípico, possivelmente trazendo consigo o trauma da experiência vivida sob a pandemia da Covid-19. Neste cenário, a questão não é apenas recompor o aprendizado perdido, mas sim construir uma base sólida de conhecimento. Isso se aplica a todas as áreas de ensino e aprendizagem, não apenas ao sexto ano. O foco deve ser o estímulo ao aprendizado, despertando a curiosidade e o desejo de saber. O retorno às aulas deveria ter sido marcado por um incentivo contínuo à abordagem lúdica e alegre dos estudos. ”

“C” vem concordar com os demais e completou as respostas da seguinte forma:

“Devemos observar que é uma situação totalmente atípica, pois o período de afastamento das atividades escolares, e as carecias tecnológicas não permitiram o preparo destes estudantes para o recebimento de novos saberes, mas posso assegurar que sim, houve uma construção do conhecimento por parte dos alunos, mas devido às condições adversas impostas pela pandemia não ocorreu um aprofundamento dessa construção.”

O(a)s três professore(a)s foram enfáticos em deixar claro que o conhecimento adquirido pelo(a) estudante não foi satisfatório, todos relatam que o período pandêmico deixou um vazio social que não permitiu uma aprendizagem, porém “B” traz a necessidade do acolhimento ao aluno e da busca de um ensino mais lúdico.

A pandemia não foi traumática somente para o(a)s estudantes, dentro do contexto da educação os profissionais também sofreram com o afastamento social, e como seres humanos sentiram os mesmos medos, passaram por momentos de ansiedade, sendo que na família de muitos houve perdas de parentes e entes queridos. O retorno as salas de aula foi um misto de alegria e desconforto, o receio de contaminação pelo vírus esteve presente durante longo período de tempo. Diante do exposto perguntamos aos docentes: toda experiência nos deixa um aprendizado, enquanto professor e observador dos discentes que estão em suas salas de aula, qual

a aprendizagem que é possível relatar sobre este período de retorno a dita normalidade? “A” trouxe aspectos particulares em sua resposta:

“Esta experiência com a pandemia me deixou muito reflexivo, assustou bastante, em mais de uma oportunidade sofri com a suspeita de ter sido contaminado de forma assintomática, eu sempre me via como uma pessoa forte, mas converso que o medo se fez presente várias vezes, a ansiedade se tornou uma companheira constante e entendi que precisava ser mais paciente comigo mesmo. Todavia a profissão de professor de história me obriga a ter responsabilidades com outros, no caso os estudantes. Eu sempre fui muito conteudista, e este novo normal veio me ensinar que existe a necessidade de preparação para aprender ou seja o estudante deve estar em condições de assimilar os saberes e novos recursos devem ser utilizados para que ocorra a aprendizagem, estou buscando ser mais compreensivo e melhorar a minha didática de maneira a alcançar o entendimento e a fixação dos saberes pelos meus alunos. ”

“B” nos traz o seguinte relato:

“A pandemia nos ensinou que, acima de tudo, é crucial fomentar a curiosidade e o interesse pelo aprendizado. Não devemos ter pressa em fazer com que os estudantes consumam conteúdos - não é de consumo que se trata ou que se deveria tratar - mas, isto sim, deveríamos ter pressa em encontrar estratégias criativas para construir e abordar o conhecimento coletivamente. A lição mais valiosa é a importância de cultivar a alegria no processo de aprendizagem, valorizando a curiosidade individual de cada estudante. Em resumo, trata-se de promover a felicidade em aprender, através do estímulo à curiosidade e do reconhecimento da sua prática. Se isso é válido para a recomposição de estudantes que experienciaram o traumático período da pandemia, isso me parece ser válido para todo o tempo, porque o tempo inteiro está repleto de situações traumáticas. E a alegria, principalmente se encontrada nos estudos, pode ser um bálsamo. ”

“C” foi mais objetiva em sua resposta.

“ É inegável que a experiência com a pandemia me transformou e me deixou mais fragilizada e atenta a qualquer sintoma de doenças seja comigo mesma seja com algum parente. A lição que eu tirei deste momento difícil foi a necessidade de ser mais resiliente, insistir mais e contornar ou resolver os problemas, me adaptar mais às mudanças. Quanto docência estou buscando a utilizar os meios digitais para enriquecer as aulas, tornando-as mais lúdicas, buscando utilizar jogos e outros atrativos na construção dos conhecimentos”.

Fica evidente que o(a)s professores não receberam nem apoio psicológico para retornar as aulas, desta forma enfrentaram o retorno as aulas sem estarem preparados para conviver com alunos que passaram por uma pandemia, cheios de traumas e despreparados para cursar um ano letivo que não condizia com os saberes que estavam previstos para aprenderem.

## **Considerações finais**

Este artigo permitiu que eu entendesse as dificuldades que os professores passaram para cumprir o seu trabalho de educador. Pude perceber na fala de “A”, quando ele nota a auto exclusão do estudante, um desespero, como se o jovem estivesse jogando fora a oportunidade de aprender e o professor tivesse chegado ao seu limite, enquanto alunos não percebem o que estão fazendo.

Notei nas falas de “B” e “C”, no momento em que dizem não haver acolhimento psicológico para os alunos nem para os professores um esgotamento de suas forças, um pedido de “socorro”. Ao mesmo tempo, não foi dito por nenhum dos entrevistados que sentiram vontade de desistir. Ao fazerem a transposição dos saberes, é evidente a angústia por falta de estrutura e condições. Apesar do esforço dos professores é possível afirmar que o conhecimento não foi repassado de forma satisfatória para os alunos do 6º ano do ensino fundamental.

Desta forma, vejo que esta pesquisa não deve parar, este tema deve ser aprofundado em uma outra oportunidade. O que estes professores precisam para melhorar seu trabalho? O que faz o aluno passar a mensagem de auto exclusão? As famílias dos estudantes têm estrutura para mantê-los na educação? Qual o sujeito vai chegar no nível médio? Quais as políticas públicas devem ser aplicadas? São infinitas as inquietações que este artigo despertou. Mas, me deu a certeza que os professores tentam fazer do jovem estudante alguém preparado para uma nova fase de aprendizado.

## Referências bibliográficas

ALBERTI, V. (2000). **Indivíduo e biografia na história oral**. *Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil*, pp. 1-5.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Alfonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

BARATZ, Jaime. **O tempo histórico no ensino fundamental**. Salvador: Dois de Julho, 2012.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **Projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes. 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

CARDOSO, C.F.S. 2017. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. *Revista Trabalho Necessário*, vol. 15, n. 28, p. -- 2017. DOI:<https://doi.org/10.22409/tn.15i28.p10563>. QUAIS AS PÁGINAS ANTES DO ANO? NÃO PRECISA COLOCAR O DOI.

**Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL

FILHO, Lourival Luz Bomfim Filho. **Contribuições da UNEB, Campus XIII, na Docência no Ensino de História, na Escola Particular no Município de Itaberaba**. Trabalho de Conclusão de Curso – (Licenciado em História), Curso de Licenciatura em História, Departamento de Educação, Campus XIII, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Itaberaba, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

Itaberaba- Ba **Sistema Municipal de Ensino de Itaberaba**. Nº 880 Criação do Sistema Municipal de Ensino de Itaberaba, 17 de Dezembro de 1999.

KARNAL Leandro (Org). **História na sala de aula: Conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2007

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

RUSEN, Jörn. **História Viva – Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Ed. da UNB, 2007.

SANTOS, Fernanda Jesus dos. **Mudanças e Permanências no Ensino Fundamental II de História na Rede municipal de Itaberaba durante e pós período de aulas remotas e híbridas**. Dissertação UNEB, 2022

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: EDUFPR, 2010.

SOUZA JÚNIOR, Tadeu Baliza de “Pedra que Brilha” em uma região sertaneja: institucionalização, poder e sociedade (1850-1888) / Tadeu Baliza de Souza Júnior. – Feira de Santana, 2015.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

Sites:

[https://omlpi-strapl.appcivico.com/uploads/BA\\_Itaberaba.pdf](https://omlpi-strapl.appcivico.com/uploads/BA_Itaberaba.pdf).

[http://www1.saude.ba.gov.br/mapa\\_bahia/municipioch.asp?CIDADE=291470](http://www1.saude.ba.gov.br/mapa_bahia/municipioch.asp?CIDADE=291470)